

Poupança Interna: Moçambique e os Outros

António Francisco* e Moisés Siúta‡

Terá o nascimento da poupança interna moçambicana, no último quinquénio do século XX, iniciado a transição da economia de Moçambique para um novo padrão de crescimento económico? Novo padrão de crescimento num duplo sentido: 1) Relativamente à evolução histórica da economia moçambicana, no último meio século, caracterizada por uma prolongada poupança interna negativa e investimento acima da capacidade de poupar financiado predominantemente pela poupança externa – a parte da renda não consumida pelos cidadãos de outros países; 2) Em relação à contribuição de Moçambique para poupança interna da região da África Austral e do Mundo em geral.

Poupança interna, convém recordar, é a soma das poupanças das pessoas, das famílias, das empresas e do Estado, correspondente à parte da renda que não é consumida, num determinado ano ou período. O IDeIAS 63 (Francisco & Siúta 2014) descreveu resumidamente a trajetória da poupança interna moçambicana, entre 1960 e 2010. Mostrou que o consumo foi em média 114% do produto interno bruto (PIB). Em 1983, chegou a atingir um terço acima do PIB, mas desde 1984 a tendência anterior foi invertida. Na década de 1990, a proporção de poupança interna negativa reduziu progressivamente e foi mesmo anulada, permitindo alcançar uma taxa média positiva na primeira década do corrente Século XXI. Por isso, no IDeIAS 63 consideramos 2000-2010, uma década inédita, por ter sido a primeira, desde 1960, que logrou uma pequena porção positiva de renda não consumida imediatamente (Figura 1).

As estimativas da taxa média de poupança interna, entre 2000 e 2010, variam dependendo das fontes: cerca de 2% do PIB, segundo a fonte usada nesta pesquisa (Heston *et al.* 2012); 4% e 5%, segundo o Banco de Moçambique (BdM 2014) e o Banco Mundial (The World Bank 2014), respectivamente. Independentemente das diferenças nas fontes, todas corroboram a evidência sobre a ruptura com a longa trajetória negativa anterior.

O objectivo deste texto é adicionar novos dados, aos que já foram partilhados no IDeIAS 63, situando Moçambique no contexto internacional e em particular, na África Austral. Os dados aqui usados, baseiam-se na série temporal macroeconómica chamada Penn World Table

7.1 (PWT 7.1); uma base de dados das contas nacionais de 189 países, incluindo Moçambique, para o período 1950-2010 (Heston *et al.* 2012).

1. MOÇAMBIQUE NO MUNDO

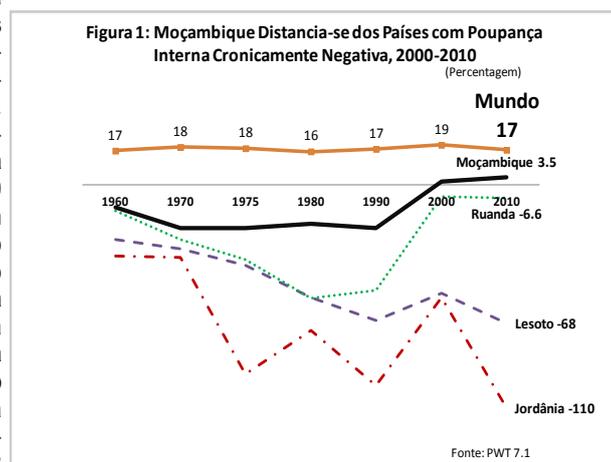
A Figura 1 ilustra a evolução da taxa de poupança interna média mundial, estimada em cerca de 17% do PIB, entre 1960 e 2010 (linha chamada "Mundo"), comparada com as taxas de poupança de países com uma longa história de poupança negativa. Como se pode verificar, no final do século XX, Moçambique abandonou o grupo de poupança interna negativa.

Em 1960, de um total de 110 países com

1960, o CV foi 109%, enquanto em 2010 subiu para 140%. Em outras palavras, a já elevada dispersão no passado, tornou-se ainda mais assimétrica e heterogênea, nos dias de hoje.

Todavia, mais importante do que a referida heterogeneidade, é o facto de a generalidade dos países desfrutarem de uma base regular e estável de poupança interna para financiar o investimento que sustenta o crescimento económico. Não admira, por isso, que analistas e fazedores de políticas que reconhecem a relevância da poupança interna, reajam com preocupação à sua queda para níveis baixos. Uma breve busca na literatura testemunha tal preocupação; no Brasil, por exemplo, taxas de poupança interna de 16% ou 17% do PIB são consideradas baixas, ou mesmo um "drama" (Crespo 2011). O que dizer de Moçambique?

É verdade que a importância da poupança interna é desvalorizada, ou mesmo questionada, pelos que acreditam que o investimento determina a poupança e não o contrário; mas este não é o espaço adequado para se entrar em tal debate. Em conformidade com o objectivo deste artigo, vejamos de seguida a posição de Moçambique, comparativamente aos 15 países integrantes da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC, na sigla inglesa).



dados sobre poupança interna, 15 países registaram níveis negativos, contra 18 com elevados níveis de poupança, entendendo-se por elevado, neste caso, taxas de poupança superiores a um terço do PIB (e.g. Irão 67%; Gabão 58%; Argélia 56%; China 47%; Venezuela 47%). Meio século mais tarde, de um total de 189 países 33 (17%) registaram poupança negativa, em 2010 (e.g. Libéria -110%; Lesoto -68%; Timor-Leste -43%), enquanto 36 países alcançaram poupanças elevadas (e.g. Guiné Equatorial 87%; Macau 70%; Singapura 61%; Gabão 53%; China 49%).

A heterogeneidade observada nas taxas de poupança interna, no Mundo, já era bastante elevada em 1960 e foi aumentando nos anos seguintes. Isto é confirmado pelo coeficiente de variação (CV - igual ao desvio-padrão dividido pela média), uma medida de dispersão que permite comparar distribuições diferentes. Em

2. MOÇAMBIQUE NA ÁFRICA AUSTRAL/SADC

Em 2010, o PIB agregado da SADC foi cerca de 622 mil milhões de dólares internacionais (\$Int.), correspondente a \$2.329 per capita, para uma população estimada em 267 milhões de pessoas (Tabela 1 e Figura 2). Visto numa perspectiva internacional; o tamanho do PIB da SADC situou-se entre o PIB da Holanda (\$641 mil milhões) e o da Tailândia (\$ 535 mil milhões); ou ainda, 37% do PIB do Brasil (\$1,7 biliões), presenteemente uma das 10 maiores economias do Mundo (The World Bank 2014).

A Tabela 1 e a Figura 2 classificam os países da SADC em ordem decrescente da taxa média de poupança em 2000-2010. Cinco grupos de poupança interna regional podem ser identificados na África Austral. O primeiro grupo, países com poupança interna elevada (acima de um terço do PIB), inclui Botswana e Angola. Juntos

* Director de Investigação do IESE e Professor Associado da Faculdade de Economia (FE) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), antonio.francisco@iese.ac.mz

‡ Estudante finalista do curso de Licenciatura em Economia na FE-UEM e colaborador de pesquisa no IESE, moises.siuta@gmail.com.

representam 14% do PIB regional, com uma grande diferença entre eles, quanto à natureza do crescimento económico. Botswana, o maior poupador (54%) na SADC, possui o terceiro maior PIB per capita (\$9.673). Angola, segundo maior poupador (38%), parece investir mais fora do que no próprio país (19% de investimento).

O segundo grupo, com poupança interna entre um terço do PIB e a média mundial, abrange quatro países, com 64% do PIB da SADC. A África do Sul singulariza-se, porque sozinha possui 59% do PIB regional. Em contrapartida, Maurícias e Seychelles, dois dos mais pequenos países da SADC, desfrutam do maior PIB per capita na região.

O terceiro grupo com poupança interna entre a média mundial e a média da SADC, conta apenas com a Tanzânia, com quase 8% do PIB regional. O quarto grupo possui seis países, incluindo Moçambique, com poupança interna positiva mas abaixo da média regional, abrangendo cerca de 14% do PIB da SADC. Neste grupo todos os países investem mais do que poupam, resultando em déficits nas suas contas externas.

Finalmente o quinto grupo, compreendendo países com poupança interna negativa, inclui Lesoto e Zimbabwe, representando apenas 1% do PIB regional. Lesoto é um exemplo histórico de uma economia cronicamente ancorada na pou-

vo (em bens de capital).

Não sendo possível alongar muito este texto, pelo menos pode-se adiantar algumas considerações para futuras reflexões sobre o significado, a importância e as possíveis implicações da recente mudança na correlação entre renda, consumo e poupança interna em Moçambique.

Significado – A interrogação que inicia este texto está relacionada com uma dúvida legítima que emerge dos dados empíricos. Estará Moçambique a viver apenas uma pausa na sua longa propensão para não poupar, ou algo de mais fundamental está a acontecer na economia moçambicana? Como o Banco de Moçambique (BdM 2014) reconheceu recentemente, a base positiva da poupança interna não só é baixa e frágil, mas abrange apenas 2% das famílias moçambicanas. Por outro lado, o papel do Estado Moçambicano deixa muito a desejar, por vários motivos. A sua longa posição fiscal deficitária contribui negativamente para a poupança interna (cerca de -8% do PIB em 2010). Além disso, o Estado tem revelado sérias dificuldades em se converter num verdadeiro facilitador e promotor de oportunidades de acumulação de capital e poupança interna, principalmente para 98% de famílias com poupanças negativas. Apesar disto, se no futuro a recente transição para o patamar positivo de poupança interna persistir, isto significa que a economia moçambicana passou a contribuir positivamente, e não negativamente, para o desenvolvimento da poupança interna regional e mundial.

Importância – Desde a década de 1990, várias reformas lograram superar parcialmente as políticas públicas adversas à formação da poupança interna, principalmente políticas ostensivamente contra a formação de capital produtivo nacional. Refira-se, por exem-

plo, o abandono parcial das políticas concebidas na primeira República, conhecidas como “matar o ‘jacaré’ enquanto é pequeno” (Adam 2006, p. 119); um sanguinário eufemismo das políticas contra a formação de poupança interna. Assim, enquanto nos países com uma base regular e razoável de poupança interna, o ritmo de crescimento depende do quanto aceitam complementá-la com a poupança externa que financie o investimento produtivo, em Moçambique ainda é o oposto. O ritmo de crescimento depende do quanto aceitamos e conseguimos substituir a poupança interna pela poupança externa.

Implicações – O tempo dirá se ou quando, a poupança interna passará a ser complementada pela poupança externa, em vez do contrário. Contudo, mesmo com uma poupança interna proporcionalmente inferior à poupança externa, tal não significa que o seu contributo seja irrelevante. Pelo contrário. Se o ritmo de crescimento económico moçambicano acelerar, como é esperado, graças aos avultados investimentos externos canalizados para os sectores altamente lucrativos, como o mineiro e energético, a pou-

Tabela 1: Poupança Interna: Moçambique e os Países da África Austral/SADC, 1990-2010

Países	Poupança Interna (%)	Investimento (%)	Produto Interno Bruto (PIB) 2010		
			per capita		Volume
			\$Int (ano base 2005)	Mil	
Botswana	54	46	9,673	20	3.2
Angola	38	19	5,108	67	10.7
Seychelles	29	39	32,300	3	0.5
Maurícia	24	29	10,164	13	2.1
Namíbia	23	30	4,807	10	1.6
África do Sul	22	22	7,509	369	59.3
Mundo	18	24	9,982		
Tanzânia	15	23	1,178	49	7.9
SADC	12	24	2,329		
Swazilândia	9	14	3,681	5	0.8
Congo, Rep. D.	8	18	240	17	2.7
Zâmbia	8	22	1,518	20	3.3
Malawi	7	29	655	10	1.6
Moçambique	2	17	781	18	2.8
Madagascar	1	18	702	15	2.4
Zimbabwe	-6	4	319	4	0.6
Lesoto	-47	29	1,393	3	0.4
Total				622	100

SADC (Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral)

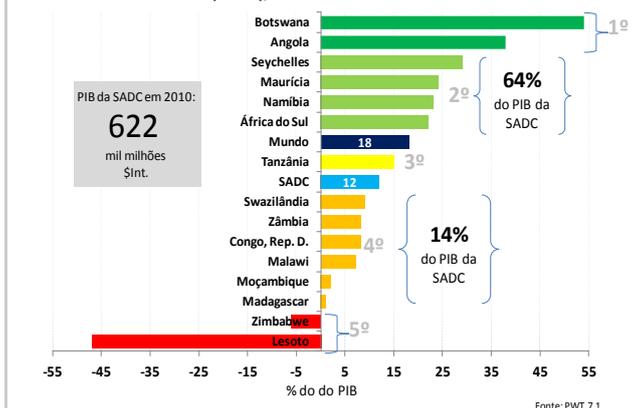
Fonte: PWT 7.1

pança interna poderá ainda induzir a mudança substancial do padrão de crescimento. Mas para isso, algo de substantivo necessita de ser feito, de forma a se criar oportunidades e condições reais para que um crescente número de pessoas, famílias, empresas e sobretudo o Estado, contribuam positivamente para a poupança interna.

4. REFERÊNCIAS

- Adam Y, 2006. Escapar aos Dentes do Crocodilo e Cair na Boca do Leopardo: Trajetória de Moçambique Pós-colonial (1975-1990). Maputo: Promédia.
- BdM, 2014. Determinantes da Poupança em Moçambique. XXXVIII Conselho Consultivo do Banco de Moçambique, 22-24 de Janeiro. Maputo.
- Crespo SG, 2011. Mailson: O drama da baixa poupança interna do Brasil. (<http://blogs.estadao.com.br/radar-economico/2011/08/29/mailson-o-drama-da-baixa-poupanca-interna-do-brasil/>). acesso em 10/maio/2014.
- Francisco A & Siúta M, 2014. Poupança Interna Moçambicana: 2000 -2010, uma Década Inédita. IDEIAS, Boletim N° 63p.
- Heston A, Summers R & Atena B. Penn World Table Version 7.1, Center for International Comparisons of Production, Income and Prices at the University of Pennsylvania. (https://pwt.sas.upenn.edu/php_site/pwt_index.php).
- The World Bank. Gross savings (% of GDP) | Data | Table. Working for a World Free of Poverty (<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GNS.ICTR.ZS>).

Figura 2: Cinco Grupos de Poupança Interna na África Austral (SADC), Média em 2000-2010



pança externa. O Zimbabwe é um exemplo contemporâneo emblemático de uma espantosa opção anti poupança, com consequências trágicas para o seu crescimento económico (\$319 de PIB per capita).

3. CONSIDERAÇÕES PARA REFLEXÃO

Sem poupança interna, a única maneira de um país crescer economicamente, é ancorar a sua economia à poupança externa, recorrendo a múltiplas formas de financiamento importado, tais como: dívida externa, ajuda concessionada ou não-concessionada, investimento directo estrangeiro, emissão ou venda de títulos e empréstimos. É o que tem feito Moçambique, nas seis décadas passadas. Fê-lo, como refere o IDEIAS 63, independentemente do regime político prevalente: colonial ou pós-colonial, socializante ou intervencionista, mais ou menos liberalizador. Entre 1960 e 2010, a média anual de poupança externa rondou 27% do PIB; pouco mais de metade desta percentagem foi para o consumo e os restantes 13% foi para o investimento produ-